

CINEMA E POLÍTICA: O LULISMO ATUALIZA O GETULISMO.

Movie and Politics: "lulism" updates "getulism".

Rudá Ricci

Instituto Cultiva

✉ ruda@inet.com.br

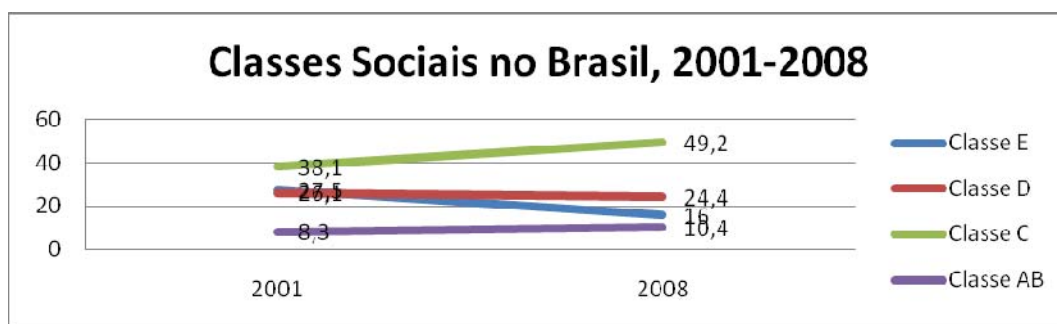
Brasil: o filho do lulismo

Rodrigo Carreiro, em seu artigo “Superprodução sobre a história de Lula preenche lacuna nacional sobre longas dedicados a chefiar a nação” informa que existem 654 filmes que destacam, nos EUA, seus presidentes. Já no Brasil, o autor lista poucos, com destaque para as minisséries “Agosto” (1993) e os 47 capítulos sobre JK (2006), passando pelo documentário “Revolução de 30”, de Sylvio Back, “Os anos JK” (1980) e “Jango” (1984, estes dois últimos dirigidos por Silvio Tendler) e o recente “Entreatos” (2004, de João Moreira Salles). Carreiro se esqueceu de “Getúlio Vargas” (1974, de Ana Carolina), “O Mundo em que Getúlio Viveu” (1974, de Jorge Ileli) e “Jânio em 24 Quadros” (1981, de Luis Alberto Pereira). Mas a lista continua pequena.

Por este prisma, “Lula, o filho do Brasil” realmente preenche uma lacuna em nossa cinematografia. Mas gera polêmica. Simplesmente porque será lançado nacionalmente em ano eleitoral, justamente o último ano dos oito em que Lula governou nosso país. Uma coincidência que perturba, porque obviamente se trata menos de peça cinematográfica e mais peça de jogo político. Com a sutileza que marcou a gestão Lula.

Maquiavel dizia que a Fortuna sorri para quem possui *virtú*, uma mescla de força com astúcia. O Presidente Lula parece ter este algo mais que faltou a tantos outros governantes brasileiros: a Fortuna sorri quase diariamente para este filho do Brasil. Mesmo assim, esta deusa precisa ser conquistada. E nada melhor que um filme sobre a porção de sua história menos conhecida pelo grande público – e mais próximo da vida sofrida e comum de tantos outros brasileiros –, logo no início do ano, ainda não contaminado pela disputa eleitoral televisiva, mas que pode criar impacto emocional sobre a nova classe média, que emergiu justamente durante a gestão Lula e que recentemente acessou o mercado de consumo mais sofisticado, incluindo *shopping centers* e cinemas. Talvez até utilizem o vale-cultura para estar mais próximo do Presidente. E é neste ponto que tudo parece fazer um sentido maior que a obra.

A nova classe média acessa bens culturais e de lazer que seus pais e avós sempre desejaram. E não se trata de um fenômeno menor ou lento. Vejamos os dados analisados pela Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro:



Fonte: Marcelo Neri, FGV-RJ, 2009

Esta é mais uma das coincidências que fazem do lulismo um paralelo com o getulismo. A política brasileira já teve um modelo marcante, com Getúlio Vargas, no uso desta arte para veicular intenções não confessadas. Há, entretanto, um estilo muito mais sutil quando o sujeito em questão é o lulismo. Getúlio era mais direto, ainda mais porque utilizou deste estratagema durante o Estado Novo. Em 1939, ele criou o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), responsável pela divulgação do Estado Novo. Cartilhas escolares divulgavam a imagem de Vargas como o pai do nosso país. Rádios e cinemas também foram alvo da ação de propaganda política do governo. Curtas metragens (o cine jornal) foram veiculados e datas cívicas reforçaram a simbiose entre nação, Estado e governo. Getúlio apoiou-se nas populações urbanas emergentes para acionar este imaginário de

desenvolvimento e segurança. Lula se apóia nas classes médias emergentes provocando efeito similar. Mas as coincidências param por aí. Embora Lula tenha plena consciência do efeito didático e até professoral de suas ações.

A consciência do efeito de ser didático

Em vários de seus discursos, o Presidente Lula demonstra conceber racionalmente seu estilo discursivo, a despeito de parecer improvisar sem medo de demonstrar fragilidades pessoais. Ali Kamel, no dicionário que catalogou conceitos e ideário de Lula a partir de seus discursos (KAMEL: 2009) destaca dois discursos em que Lula inicia expondo os motivos que o levam a adotar um tom coloquial:

“Eu sei que, muitas vezes, parece que não faz parte da liturgia presidencial contar determinados casos. Mas, quando eu comecei a trabalhar na Villares, não tinha refeitório, não tinha restaurante, a gente levava marmita. (...) “ (em 20/10/05)

“Como, às vezes, nem todo mundo entende palavras difíceis, eu prefiro utilizar coisas do dia a dia, que nós dizemos. E é por isso que sempre trato a arte de governar como a arte de criar uma família. Parece fácil criar uma família, mas o mundo está cheio de irresponsáveis, homens ou mulheres que não conseguem criar uma família. (...) “ (em 26/06/2003, durante o 4º Congresso de Metalúrgicos do ABC)

A arte de governar como a de criar uma família. Uma frase cheia de intenções nobres, mas que se aproxima muito do que Weber denominou de dominação tradicional. O patriarca que protege os seus, que se diferencia por isto, por estar em plano distinto daquele dos seus liderados. Na análise weberiana, o patriarcalismo assume prerrogativas pessoais de chefe que são extensas e que se autonomizam, muitas vezes, da tradição e costume, justamente porque o chefe é uma espécie de intérprete dos costumes.

Embora sua frase e comportamento revelem este cuidado patriarcal, Lula é mais sutil nas suas ações. Se em Getúlio Vargas, para retornar à comparação original, um órgão de Estado fabricava sua imagem pública, em Lula é a ação privada de um cineasta – mesmo que financiado pelo Estado – que transpõe sua vida para a grande tela.

O que mais conta, contudo, é o impacto sobre o imaginário da nova classe média. Porque esta classe emergente quebra uma pobreza familiar tradicional,

secular. E, por isto mesmo, se vê merecedora desta ascensão, desconfia dos políticos tradicionais, dos meios de comunicação e formadores de opinião e pode se projetar na figura de Lula, como igual, como emergente que deu certo e que acolhe seu país, pela primeira vez em suas vidas, por inteiro.

Para esta nova classe média, faz sentido o Brasil ser efetivamente seu. Porque tem, agora, sua cara, sua história. Não a cara da pobreza e fracasso. São justamente o sucesso que a Fortuna sorriu ao menos desta vez.

E, assim, o Brasil vai se consolidando como filho do lulismo. E da nova classe média, que se confundem a cada momento.

Por este motivo, o filme anuncia um novo Brasil. E, talvez, 2014.

Referências Bibliográficas

CARREIRO, R. Superprodução sobre a história de Lula preenche lacuna nacional sobre longas dedicados a chefiar a nação. Disponível em:
<http://www.cinereporter.com.br/noticias/todos-os-filmes-do-presidente>

KAMEL, A. *Dicionário Lula – Um presidente Exposto por suas Próprias Palavras*, São Paulo, Ed. Novas Fronteiras. 2009.